

Assim, fica claro o intencional baralhamento temporal e a estreita relação entre a composição do romance e a vida da personagem com o peso do mundo opressivo que a angustia e esmaga.

Em *Vidas Secas*, a respeito da composição do romance, Rui Mourão repisa idéias já conhecidas: os capítulos isolados, o romance que se volta sobre si mesmo, a idéia de fluxo contínuo. Assim também com relação à incapacidade comunicativa que produz o isolamento das criaturas e a redução delas à categoria de bichos, ou os componentes que as oprimiam: o proprietário da terra, os homens da cidade, as forças do governo... Desta sorte, em *Vidas Secas* Rui Mourão não repete com iguais resultados as análises desenvolvidas anteriormente, e fica, em razão de seus pressupostos, seriamente comprometido.

Quando busca situar Graciliano Ramos nos quadros político e social da década de 30, há certas generalidades que pouco contribuem para a colocação da obra de G.R. Esta é para mim a parte mais susceptível de restrições, pois o relacionamento deixa muito a desejar, não convence. Quanto ao descarnamento da prosa de Graciliano, pelo contrário R.M. chega a resultados bons e mesmo excelentes. A sua aversão ao empolado, ao adjetivo desprovido de significação encontrou no ensaísta elemento capaz de estabelecer seu relacionamento mais amplo e extrair o saldo positivo do romancista.

Trabalho sério que merece todo o nosso respeito inscreve-se desde já na bibliografia obrigatória de Graciliano. Os estudos sobre *Caetés*, *S. Bernardo* e *Angústia* trazem a marca de excelentes; o mesmo não digo de *Vidas Secas*. — JOSÉ CARLOS GARBUGLIO.



PINTO, ROLANDO MOREL — *Experiência e Ficção de Oliveira Paiva*. São Paulo, Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, 1967, 189 pp.

A seriedade intelectual é marca que encontramos sempre na atividade de Rolando Morel Pinto. Se a ela acrescentarmos a paciente busca da documentação para convalidar seus pontos de vista, em atividades de natureza científica, podemos ver que sobram razões para recomendar-lhe a leitura. Essas qualidades estão presentes em bom nível em *Experiência de Ficção de Oliveira Paiva*, constituindo-se, por isso mesmo, em motivo de interesse.

Depois dos percalços e imprevistos sofridos pela sua obra, relegada a um injusto esquecimento, como vítima passiva de fatores cuja explicação, regra geral, foge ao pesquisador mais avisado, volta Oliveira Paiva novamente à discussão e à possibilidade duma medida mais justa de seu indiscutível valor literário.

O ensaio de Rolando Morel Pinto tem o mérito de repor em circulação o caso Oliveira Paiva, reivindicando-lhe, por justiça, melhor lugar nos quadros da Literatura Brasileira, após cuidadoso exame de suas atividades e de sua obra.

Dêste modo, depois de rápido histórico sobre a sorte da obra de Oliveira Paiva, R. M. Pinto procede ao levantamento de sua geração, das inquietações e preocupações dominantes em sua época, de curiosas e quase desconhecidas vibrações ideológicas e culturais. Verifica, assim, que há no Ceará, em fins do século passado, entusiásticos e sérios movimentos de idéias que ganharam livre curso e acabam transpirando nos trabalhos e atividades de vários grupos, criados à luz dessas preocupações. Empolgados pelas idéias, crentes de resolver os problemas humanos por via da cultura, os componentes desses grupos entregam-se a publicações, a associações, arregimentando pessoas e propagando idéias, oriundas sobretudo da França, em clara oposição ao que acontecia no Recife, o que faz sua singularidade e originalidade no âmbito da cultura brasileira e dos acanhados quadros "da província". É nesse panorama que surge e se inicia Manuel de Oliveira Paiva.

Pôsto isso, Rolando Morel Pinto passa a estudar a formação de Oliveira Paiva, empreendendo trabalhosa pesquisa em arquivos, jornais, revistas, bem como junto a pessoas ligadas ao malgrado Autor para aclarar-lhe a vida; busca alcançar os componentes básicos que entraram em sua formação humana e intelectual, até ao seu ingresso no cenário cultural cearense como jornalista atuante, colaborador intensivo de periódicos, onde agita idéias políticas, sociais e literárias. É a fase em que exercita sua atividade e deixa transparecer a capacidade potencial do ficcionista.

No rastreamento da obra de Oliveira Paiva, R. M. Pinto mostra um primeiro momento de "poesia", melhor de versos, destituído de maior interesse ou valor — reconhecimento feito pelo próprio O.P. — até encontrar nêles traços peculiares de observação, aliados à notação do pitoresco e do popular, de amor e carinho pela terra, feição que caracterizará toda a sua obra.

Ao perceber a carência de qualidades para a poesia e a inconsistência marcante da sua, Oliveira Paiva orienta-se para a prosa, primeiro como colaborador de periódicos onde surgem as crônicas, os contos, comentários de vária natureza, testemunhos das inquietações de sua geração, depois como romancista. Essa primeira fase é a de experimentação e exercício. Ai vemos nascer o prosador, com certo domínio da técnica narrativa, bem como as áreas de seu interesse temático: o homem do Nordeste e sua ecologia, seus traços peculiares e identificadores, seus problemas e a realidade que o define nos tipismos apreendidos com rara segurança, a oposição interior-litoral e sobretudo é o instante do encontro de soluções estilísticas originais para exprimir esse mundo sem traí-lo nas singularidades mais expressivas.

A partir daí, Rolando M. Pinto passa ao seu primeiro romance, *A Afilhada*, para demonstrar as deturpações por que passou o texto que se desfigurou e tornou quase incompreensível seu mundo. O rol de mutilações feito pelo A. são bem a prova do desastre de que foi vítima Oliveira Paiva. O exame externo do romance oferece ao ensaísta oportunidade para destacar os componentes fundamentais que estruturam sua obra, comprovando-lhe o fôlego, cada vez maior: o assunto, a composição, as personagens, o cenário e paisagem de Fortaleza, o ambiente humano, surpreendido com propriedade, os móveis que dinamizam a ação e movimentam a narrativa e a singularidade do estilo, ponto alto do romancista. Momento de importância no ensaio se dá quando a análise destaca os planos em que se estrutura o romance. Ao plano ostensivo segue paralelo o latente, como mostra o ensaísta. Outro bom momento é o do estudo dos caracteres e psicologia das personagens. Por outro lado, o A. faz sérias restrições às concessões feitas à moda e à estética naturalista, que não raro prejudicam o romance.

O ponto alto de Oliveira Paiva é, sem dúvida, *Dona Guidinha do Poço*, estudado quanto aos elementos externos e internos. Aquêles visam à explicação da gênese do romance, a partir de um caso real que provocou paixão e sensação nos anais da justiça. Assim, Rolando Morel Pinto verifica que Oliveira Paiva "recorre a um enredo pré-existente e desenvolve a sua narrativa num paralelismo perfeito com os acontecimentos históricos" (p. 122), o que implica numa "narrativa linear, cronologicamente determinada, sem a complicação de interferência de planos" (p. 123). Mas a força do escritor, seu estilo desataviado e forte transmutaram os acontecimentos históricos numa obra de arte, cada vez mais apreciada e digna, principalmente quando se observa o curso livre que ganharam outras de menor porte. Seu grande valor está em que soube transfundir para o plano da ficção esse mundo, despojando-o do caráter documental, recriando-o e movimentando-o, com características singulares e avançadas para a sua época.

Na verdade, o mundo sertanejo transparece através das personagens, do cenário recriado com propriedade e sabor local, da ação que dinamiza esse mundo, e lhe imprime incontestemente autenticidade. Se em *A Afilhada* foi o ambiente urbano

de Fortaleza que movimentou, em *D. Guidinha do Poço* é o campo com as peculiaridades geográficas e humanas da alma sertaneja, vivificados com o toque insinuante de sua arte, marcando de vez sua prosa saborosa.

Os recursos técnicos ganharam em aprimoramento, com o tempo e o longo exercício, e a obra em densidade e beleza. Assim, o ritmo da ação, a notação temporal se denunciam pela variação das estações, pela mutação da roupagem da natureza entre os extremos da seca e da ressurreição da paisagem e os conflitos da terra, enquanto a ação dura e os acontecimentos evoluem. O ensaísta demora-se em mostrar como o romancista traz para a obra hábitos e costumes, a terra, o homem e sua psicologia para identificá-lo com o meio, sem a recorrência ao documento bruto, sempre empobrecedor. A tudo anima a capacidade selecionadora e observadora, o dom artístico de Oliveira Paiva.

Deste modo, Rolando Morel Pinto acompanhou Oliveira Paiva desde suas primeiras incursões e experiências até a eclosão da força-plena do romancista, presentes em *Dona Guidinha do Poço*, extraordinário em sua riqueza e pioneiro em sua época.

É trabalho sério e desbravador e de méritos enquanto busca e pesquisa de documentos e sobretudo porque recoloca em discussão a Obra de Oliveira Paiva, injustamente esquecida e vítima de infinitos tropeços sempre impeditivos de sua divulgação. Demonstrando o valor artístico e as soluções encontradas pelo romancista, Rolando Morel Pinto reclama para sua obra lugar de maior destaque na Literatura Brasileira. — JOSÉ CARLOS GARBUGLIO.



CUNHA, CELSO — *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio, Tempo Brasileiro, 1968, 107 pp.

O nome de Celso Cunha está ligado por várias razões aos problemas da língua portuguesa. Prendem-se ao seu passivo o interesse objetivo com que vem tratando os fatos da língua em vários campos. E é justamente essa visão multiforme do fenômeno lingüístico que lhe oferece abertura para examiná-lo em áreas diversificadas: língua como conflito de paixões, como afirmação de nacionalismo, como instrumento de comunicação dinâmico a modificar-se e enriquecer-se, não como realidade estática e estratificada.

*Língua Portuguesa e Realidade Brasileira* apresenta dois aspectos básicos: uma política da Língua Portuguesa e uma posição "científica" diante do problema da língua e de suas diferenciações portuguesas e brasileiras.

Assim, a primeira preocupação de Celso Cunha é mostrar que preconceitos de natureza colonial e nacionalista em certos países americanos desviam questões de língua e literatura do plano objetivo para o ideológico. Agravando o problema está a nostalgia da Europa que torna o americano homem de duas pátrias — a geográfica e a espiritual — América e Europa, cujo exemplo mais significativo no caso brasileiro é o de Joaquim Nabuco. É fundamentalmente desse fator que resulta nossa europeização e como consequência, no plano da língua, a imposição da gramática ou da gramatiquice lusitana, de que os brasileiros são muito mais responsáveis que os próprios portugueses. No Brasil ainda há gramáticos (?) que pararam no século XVI, lingüística e espiritualmente. Imagine-se quanta teia de aranha deve haver na cabeça dessa gente!

Foi esse espírito que provocou já no Romantismo a implodida crítica a José de Alencar quando ele ousou opor-se aos cânones do momento (Castilho e que